

# ESTUDO

(Simili-gravura de Marques Abreu)

(Quadro de João Augusto Ribeiro)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60



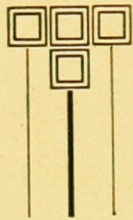
# Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

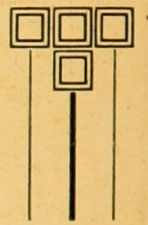
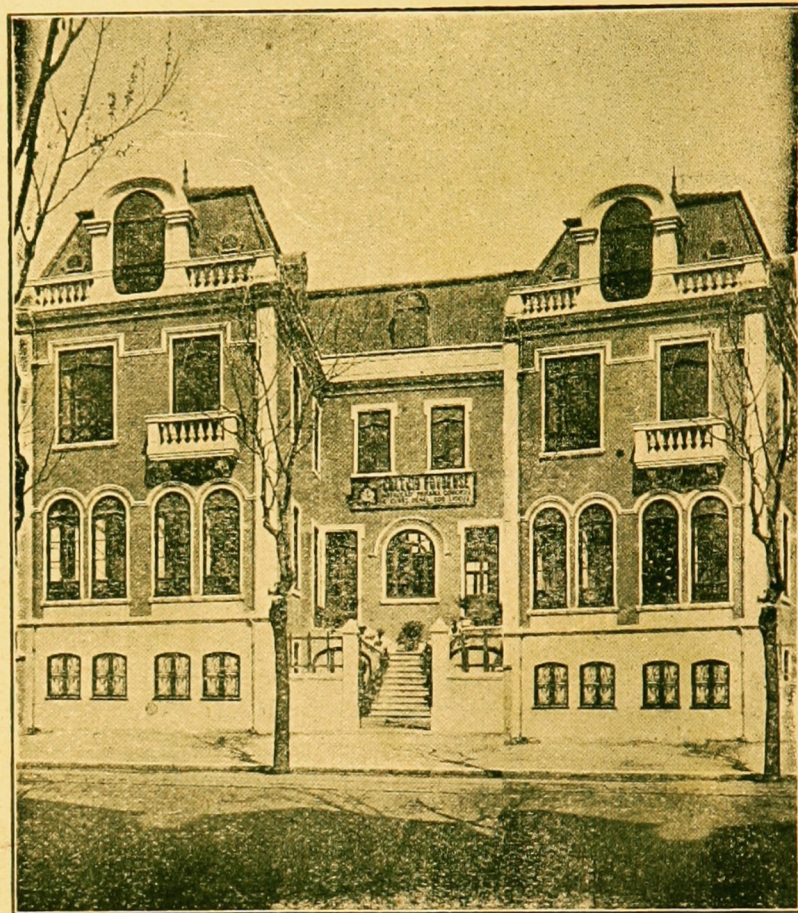
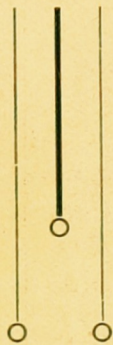
Pensão annual — 120\$000 reis

## POVOA DE VARZIM

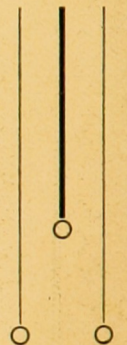
A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL



Estabelecimento  
modelar,  
optima installação,  
clima maritimo  
saluberrimo



Lecciona  
instrução primaria,  
curso geral  
dos Lyceus e curso  
commercial



Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.<sup>o</sup> Manoel R. Pontes.*

## Artigos Photographicos

As maiores novidades  
em chapas, aparelhos,  
produçtos, cartonagens  
e papeis.

Fornecedores dos principaes  
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica  
Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de  
ampliação á disposição  
dos amadores.

Lições praticas de photographia.  
Acabamento de todos os  
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os  
artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente.  
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yelloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 10 de janeiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 28—Anno I



Mosteiro de Leça do Balio—Interior do templo

(Cliché do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim)



# Chronica da semana

XXVIII



VÁ de sujeitarmo-nos á corrente geral da curiosidade indigena e lardear de alguns commentarios o rocambollesco caso policial—que não deixa de ser tambem um caso moral —em que figura como protagonista um tal Homero de Lencastre, visado por nós já n'estas chronicas, quando apoz o logrado movimento revolucionario d'outubro, tentamos determinar as causas das excrecencias de espionagem surgidas no morboso campo da consciencia nacional.

Não desfiemos de novo a consabida narrativa de suas façanhas, dos seus ardis, das suas artimanhas, que afixaram para os carceres da republica com um cheio punhado de cidadãos utilissimos ao paiz, por variados titulos.

Enfrentemos um outro aspecto d'esta questão que, não sendo digna do cantor grego, tem feito tresuar os *reporters* e gastar a tinta das parangonas e das interjeições admirativas.

Em torno, se não no fundo, da discussão que acalora a imprensa politica, monarchica ou republicana, debate-se uma outra que é afinal a razão de ser da primeira.—Homero de Lencastre tem justificação para os seus actos? A moral commum ou simplesmente a moral, concede-lhe attenuantes, ou verbêra-o implacavelmente?

Perante uma pergunta d'esta ordem, recua a segundo ou terceiro plano o pormenor do jantar offerecido pelo snr. presidente do ministerio ao agente policial, e aquell'outro dos elogios que lhe foram dirigidos no parlamento pelo snr. dr. Alexandre Braga e nos órgãos officiosos da imprensa, pelos jornalistas do governo.

Não se trata de deslocar um problema, mas de descer á sua essencia.

Antes e depois da fuga de Homero de Lencastre para a Galliza, aquelles que successivamente o aproveitaram e estão aproveitando *como instrumento*, cifraram mais ou menos a defesa do agente-espião n'uma subalternisação da sua vontade aos designios da policia secreta do regimen, e consequentemente na acceitação d'uma formula que é commumente e refalsadamente attribuida á Companhia de Jesus:— os fins justificam os meios.

A policia valendo-se da leiloadada consciencia do agente, e maneando-o como um traidor, não pôde ser culpada.

Quantas vezes não paga ella a gatunos para descobrir e capturar quadrilhas de industriosos cavalheiros?... Homero, acceite este argumento, operou como uma total desresponsabilidade, e attentos os recursos da astucia humana, tambem não pode ser injuriado nem accusado.

Ao lado da moral verdadeira, indefectivel e rigorosa, existe, no entender d'aquelles raciocinadores, — uma moral policial. O corpo de investigação policial tem um fim. Não deve olhar a meios, sob qualquer regimen em que trabalhe.

Embora com muito de paradoxo, esta opinião offerece a Homero de Lencastre attenuantes tão ponderosas que foram por este invocadas como fundamento de um pedido de perdão emittido nas suas declarações tão graves perante um notario gallego.

Será assim?

Em primeiro logar semelhante theoria estabelece uma

injustiça flagrante: um individuo é ou não traidor, é ou não uma consciencia aviltada, consoante trabalha a favor d'esta ou d'aquella parcialidade. D'esta sorte, não é difficil explicar o facto verificado de os republicanos o titularem defensor do regimen, o que é muitissimo honroso para a familia, e logo depois o apodarem de cynico farçante, a soldo da reacção, o que por certo lhe firará o somno...

Em segundo logar, ensinar, orientar o corpo de segurança publica no culto dos fins e no desprezo da escolha dos meios, é torna-lo par d'aquelles a quem persegue, no respeitante a sentimentos. Ao mal não é licito responder com o mal. A astucia humana, as audacias humanas, tem seu limite. A segurança publica não reclama que a defendam a *outrance*, sem escrupulos de honestidade. Entre ella e o crime, que a perturba e fere, ha um fosso intransponivel e insupprimivel. Eis o que de um modo geral, é o dictamen da moral social.

Quando, porém, o crime ou o delicto deixa de assumir o caracter commum e reveste a feição politica, como nos casos presentes, então muito menos é admissivel que se utilize a venalidade d'alguem com o fim de o combater. Um traidor é sempre um traidor. Mas uma conspiração de revolucionarios politicos, aprestando-se a realisar, a alcançar pela força das armas o triumpho das suas ideias e convicções, não é de modo nenhum a mesma coisa que um concerto de quadrilheiros combinando o assalto d'um cofre e o assassinato do seu possuidor.

Os regimens fortalecidos não descem a taes processos de comparação: aguardam a hora do embate e jogam as forças com que contam. A arte do revolucionario não é descansar a certeza da victoria na palavra, no compromisso de alguem, mas adunar os elementos, adestra-los, preparando-se para uma guerra sem quartel e decisiva.

N'estas condições, nós julgamos que Homero de Lencastre arrasta consigo na mesma condemnação de vergonha e de opprobrio, todos aquelles que se aproveitaram das traficancias do seu caracter retorcido.

Perante a moral, o caso Homero é um crime. Não lhe concede ella attenuantes; agrava-o, verbera-o implacavelmente. Não differença o mandado do mandante, envolve a ambos no mesmo veredictum, pertençam elles a qualquer dos partidarios politicos que dividam o pensamento nacional.

... Ha dias no parlamento francez, Jean Dupuys exclamou, dirigindo-se á sinistra figura de Caillaux:—*Je denonce le desordre*: eu denuncio a desordem. Recordamos esta phrase e approximamo-la do caso Homero. E' que elle tambem revela uma desordem, a peor de todas as desordens, a desordem moral que flagella a nação portugueza!...

F. V.

E' preciso que o mal da pena exceda o ganho do delicto; porque o ganho ou o interesse é a força que impelle os homens ao crime, e a pena é a força empregada para d'elle os desviar. Se a primeira d'estas forças fôr maior, o delicto se commetterá; se a segunda o fôr, elle deixará de se commetter. Ao contrario o mal da pena não deve exceder o mal do delicto. Se o exceder, comprar-se-ha a isenção de um mal, por outro ainda maior.





# Os nossos Bispos



D. Sebastião Leite de Vasconcellos  
(Venerando Bispo de Beja)

*Nasceu no Porto em 3 de maio de 1859 e em 19 de dezembro de 1907 foi eleito Bispo de Beja*



# O que chorava

(NOVELLA)



sol de junho envolve por toda a parte nos seus raios d'ouro pallido o ouro escuro das searas. Ouve-se, cada vez mais confuso, o zumbir do mosquêdo nos carvalhos; nas varzeas flavescentes, onde as hastes vergam ao peso das espigas, continuam os grilos, como em sonho que se desvanece, a eterna monotonia do seu canto...

O ar vibra, tudo parece adormecer... apenas se ouve murmurar o regato que passa embalando os juncos...

Já fica longe a aldeia, mas a villa não se vê ainda; porque ficam distantes—mais d'uma légua! —e com aquelle ceo de fogo e o ar abafado, é muito, é tanto para perninhas tão pequenas!

E depois, se soubessem como ella vae, a pequenita, áquelle recado, com o coração em ancias! Deixou a mãe doente em casa, oh, tão doente, com aquella maldicta febre que lhe põe olheiras, lhe cerra as palpebras, lhe agita os nervos e lhe escalda o sangue ha oito dias!

Precisamente, o telegramma é para avisar o pae, que anda por longe, e é isso o que mais a tortura.

Partiu ha tres annos. Ha tres annos que ninguém tornou a ver na aldeia o pobre tio Ambrosio: para desterrar a miseria, desterrou-se elle! Acabado o seu trabalho de pedreiro, encontrou ainda tra-



## VOUZELLA—Inauguração do caminho de ferro

*O comboio passando na ponte e o povo esperando na estação.*

(Cliché do phot. am. J. M. Batalha)

Meu Deus, que calor e que estrada tão comprida! A sua fita branca parece atar-se, lá ao longe, nos prados, como serpente que se enrosca...

Nem viv'alma! Nem um pastor atraz dos bois! Nem uma pastorinha vigiando o gado na pastagem!

E lá vae a Miguelinha, por aquelle calor, que torna a campina silenciosa e deserta, tragando pó, a passos miudinhos e apressados.

Vae correndo, da sua aldeia de Aiquillage, onde o fumo parece um sopro azulado por cima dos arvoredos, levar um telegramma a Mas d'Aval, correndo, correndo...

balho em Paris; a esperança de comprar, com o que ganhasse, em voltando á terra, algumas leiras de trigo, foi-o por lá retendo n'aquelle exilio, adiando o regresso cada inverno para o verão e cada verão para o inverno seguinte.

Entretanto lá anda, tão longe, para além do horizonte envolvido em brumas doiradas, que Miguelinha, trotando, contempla na sua frente. Não sabe que a mãe está de cama, talvez com a sua ultima doença, e que é preciso voltar, e depressa! Se ella tiver de morrer, tenha elle tempo, ao menos, de a abraçar pela ultima vez.

Quando partiu era Miguelinha muito pequeni-







**LIVRAÇÃO**—Sanctuario de Nossa Senhora da Livração e igreja parochial da freguezia de Tutosa

(Cliché do phot. am. snr. A. Santos)

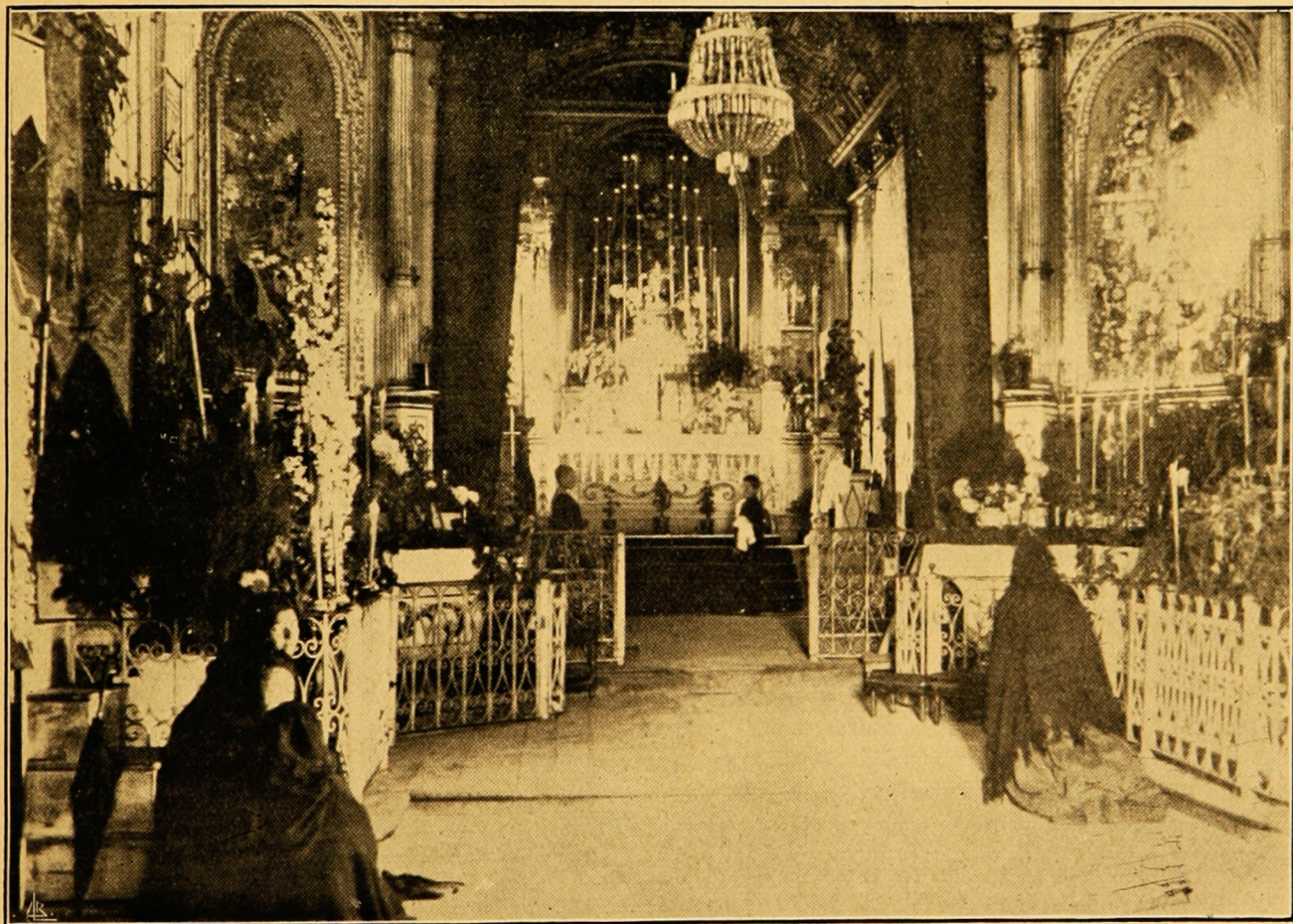
dos e desgarrados pela angustia que a pequenã, não o reconhecendo, tivera medo e não se deixara sequer beijar, a mázinha...

Depois, Miguelinha cresceu. Ahi a temos já com os seus sete annos e um coração consciente. E' já uma mulherzinha a quem a tristeza do lar, onde era tão grande o vácuo deixado pelo ausente, anticipara a madurez.

Com o seu espirito, já reflexivo, adivinhou todo o drama horrivel e doloroso que se passa em casa. Por isso corre o mais que pôde, oh, como ella corre, de cabeça baixa, a suar, vermelha, esbofada, pela estrada da villa, poeirenta, á torreira do sol...

—Onde vaes tu a correr, pequena?

Ora! Que te importa a ti, Linon, velha mendiga!; mais curiosa que interessada? Bebe sombra, ao pé desse arbusto, almoçando a tua côdea, e dei-



**LIVRAÇÃO**—Interior da igreja parochial na festa do Sagrado Coração de Jesus

na, mas lembrava-se muito bem da manhã em que, ao alvorecer se ouviu a voz rude do companheiro d'elle que o chamou ao passar:

—Eh, tio Ambrosio!

O pae suspendeu na ponta d'um varapau um lenço de xadrez em que atara alguns farrapos, pô-lo ao hombro e gritou:

—Lá vou.

Fóra, o companheiro assobiava como um mel-ro. Despediram-se o pae e a mãe com um longo abraço, silencioso e entrecortado por soluços. Depois, elle aproximou-se do leito onde dormia Miguelinha: chorava sem receio, julgando-a dormida, e tinha o rosto tão descomposto, os olhos tão fun-

xa correr a pequena! Ella tambem, muito sensata, apenas olhou para traz, disse duas palavras, e seguiu.

Ainda um quarto de legua! Que estrada tão comprida!... Parece que não acaba... Vae, volta, alarga-se, estreita-se, parece parar entre os prados em flôres...

Tudo respira aromas; é de crer que sim. O sol absorve e esparge o cheiro estonteante do feno. Mas o que sobretudo ha é calor, que faz rebentar os botões da giesta... E demais, não se trata hoje de uma *gazeta* pelos campos... Miguelinha vae apouquentada... tem pressa...

Finalmente, lá reluzem os telhados de ardósia





da villa, brincando entre a folhagem verde os seus reflexos azulados... Lá desponta, sobranceira a todos, a agulha do campanario... Lá andam á roda as andorinhas, em volteios endiabrados, marcando quadrilhas sobre quadrilhas, e soltando a cada reviravolta um piosinho penetrante...

Só faltam duzentos passos,... cem,... cincoenta... Na primeira volta á esquerda é a estalagem, «*Ao bom vinho*» cujo macisso de junipero parece mariposar ao sol; depois, a casa do tabellião, com o seu portão alto, cinzento e as taboetas doura-

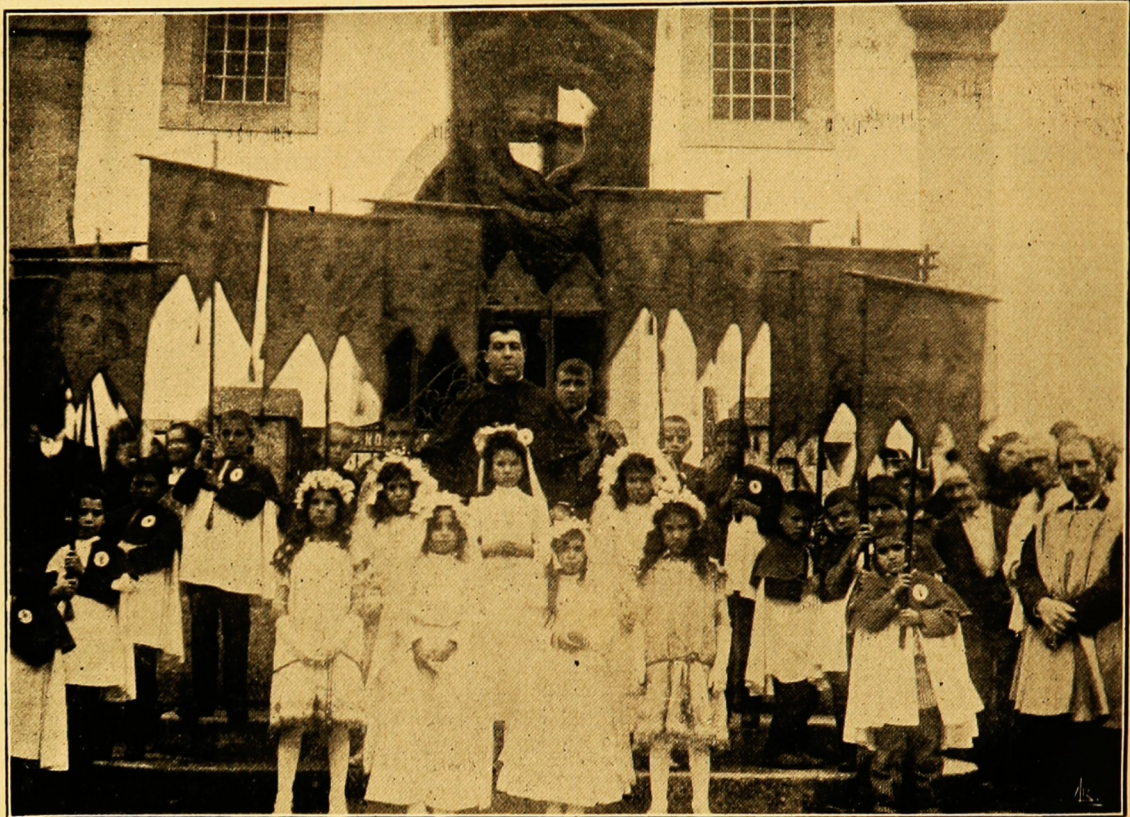
—Para avisar o meu pae de que a mãe está muito, muito mal.

—Que dizes, Miguelinha? Então é certo?

—Ai, é certo, é, menina!... E não se esqueça de pôr que venha depressa... percebe?... que venha já... não ha tempo...

E enquanto a pequena desafoga em lagrimas a sua angustia, a menina Angelina, deante d'ella, á mêsá do *guichet*, redige o telegramma com uma penna que se ouve raspar.

Depois ouve-se o crá... crácrácrá... crácrá do



**LIVRAÇÃO**—Grupo de creanças da freguezia de Toutosa, que ultimamente receberam com toda a solemnidade a Primeira Communhão. Ao centro o rev. abbade da freguezia.

(Cliché do phot. am. snr. Eduardo H. de Faria).

das; mais além as casinhas do alquilador, do carreiro, do pregoeiro... Mais além ainda, a da tia Benedicta, parecendo inclinar-se para a rua em oração... Finalmente, ao lado, a do correio, muito fresca, com a sua porta envidraçada, cortinas de renda, geranios flammantes á janella e os fios do telegrapho, e as chavenas isoladoras de porcelana, e o letreiro: letras brancas sobre fundo azul...

Até que emfim chegou Miguelinha! Tintrintintin!

Miguelinha entrou tão depressa que a campainha, atada a um fio de aço, bimbou como doida. A' sua voz penetrante acordou em sobresalto toda a casa, desde a menina Angelina, que dormia sobre um registo aberto, até á Grisette, a gata, que amezendada no sofá, muito quieta, parecia um novello de lã, e aos canarios, que dormiam a sesta na gaiola, com o ventre apoiado sobre as patinhas e o bico escondido na plumagem...

—Menina Angelina, um telegramma...

—E's tu que o trazes, Miguelinha? Para quem?

telegrapho, transmittindo ao longe a noticia, e que, com o seu ruido quasi sinistro como um crocito, rompe o silencio da sala.

Assim que Angelina deixou o botão de osso e cessou o craquejar do aparelho, Miguelinha atirou á pressa o dinheiro, agradeceu e sahiu correndo... E lá foi, temendo, a cada passo, encontrar a mãe já com as mãos frias e os olhos fechados...

\* \* \*

No dia seguinte, quando o sol se escondia detrás das nuvens avermelhadas, estava a pequena apascentando a sua cabrinha no campo... Então! Era preciso...

Não tinham que lhe dar, pobre animalzinho, e a cabra, coitadita, deante da manjedoura vazia ha dois dias, balia que dava pena. Bastante soffreu! Dois dias sem comer! Por isso: meée... meée... meée...—chamava do fundo do estábulo, com um





balido queixoso em que ás vezes havia cólera.

Tinha razão para agitar a barba e ameaçar com os chave-  
lhos a quem chegava... Por  
estar doente a dona, era justo  
que ella jejuasse? Não tinha  
jeito nenhum que assim se es-  
quecessem d'ella...

E os seus olhos meigos tor-  
navam-se maus; vibrava golpes  
tão sonoros e fortes na manje-  
doura, que até parecia, santo  
Deus! que se queria matar...  
Já era tempo de que alguém tra-  
tasse d'ella, ou derramava-se,  
pobre animal...

Então Miguelinha, que gos-  
tava d'ella, da sua cabrinha,  
pegou na corda e levou-a ao  
campo... Farta de boa herva,  
deixará dormir melhor a doen-  
te esta noite, se a doença o permitir.

Porque a  
doença abrandou. E' certo que a mãe de Migueli-  
nha ainda tem a testa a escaldar, a pelle humida,  
os olhos brilhantes, d'um brilho ficticio, e a respi-  
ração muito afanosa, mas ainda assim nota-se que  
vae indo melhor. E alguma melhocrazinha, já é mui-  
to, quando se espera.

Já se respira em casa um ar menos triste e pe-  
sado. Além d'isso o pae deve ter recebido o tele-  
gramma; vem já, talvez, a caminho...

O pasto é perto de casa; a cabra, empinada  
para a sebe, de paus no ar e barba ao vento, vae  
derrichando nos rebentos novos e nas amoras.

A pequena, ao pé, de corda na mão, contempla  
com um olhar vago e sonhador a faminta que se  
farta e vae acariciando o sonho que lhe enche o  
coração: a mãe vae melhorando... vae sarar...

Passa um homem, de fato pardo, com um em-  
brulho atado n'um guardanapo. Parece cansado.



APULIA—Entrada da praia

Traz as botas cheias de pó e tropeça em cada pe-  
dra.

Descobriu elle, não longe da aldeia aonde se  
dirige, cujos colmados se destacam, na descida pa-  
ra o valle, entre a folhagem verde e viçosa dos cas-  
tanheiros, a pequenita que guarda a cabra, á beira  
da estrada, á sombra do vallado.

E como traz o coração inquieto, pára e pergun-  
ta-lhe apressado:

—Olha lá, pequena: tu és da aldeia de Ai-  
guillade? Conheces a Miguelinha? Sim, uma rapa-  
riguita da tua idade, que tem o pae longe? Como  
está a mãe d'ella?

Sem esperar as primeiras respostas, faz-lhe  
perguntas sobre perguntas, até que parou, com o  
coração aos pulos, depois da ultima, a unica impor-  
tante para elle!

Miguelinha, atonita, fitou-o um instante sem  
responder. Quem é aquelle homem que se interes-  
sa pela sorte da sua pobre mãe  
e que parece trazer tambem  
tanta angustia nos olhos?

Aquelle nariz fino... aquel-  
les zigomos salientes... aquel-  
las faces cavadas... aquelle  
bigode pontiagudo e já grisa-  
lho... aquelle aspecto de ma-  
rinheiro que parece vir de tão  
longe, tão cansado de levantar  
pó por tantas estradas... Não,  
nada d'isso falla á Migueli-  
nha... E' sem duvida forastei-  
ro... a não ser que seja algum  
amigo do pae, companheiro na  
mesma officina, de volta talvez,  
a alguma das aldeias dos arre-  
dores, e a quem o pae terá pe-  
dido que lhe levasse noticias...

Mas então o pae não vinha?



APULIA—Apanha do sargaço





E temendo que não, a pequena começou a tremer e cravou no desconhecido os seus dois grandes olhos arrasados de lagrimas.

Mas não proferiu palavra, e o caminheiro, que a observa, vendo como tarda em responder e que a sua figurinha, em annos de alegria, parece tão atribulada, começou tambem a temer...

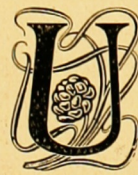
—Morreu!... Morreu!

E gemeu alto, com o coração angustiado, enquanto o seu olhar, um olhar demorado e supplicante, implora de Miguelinha uma resposta.

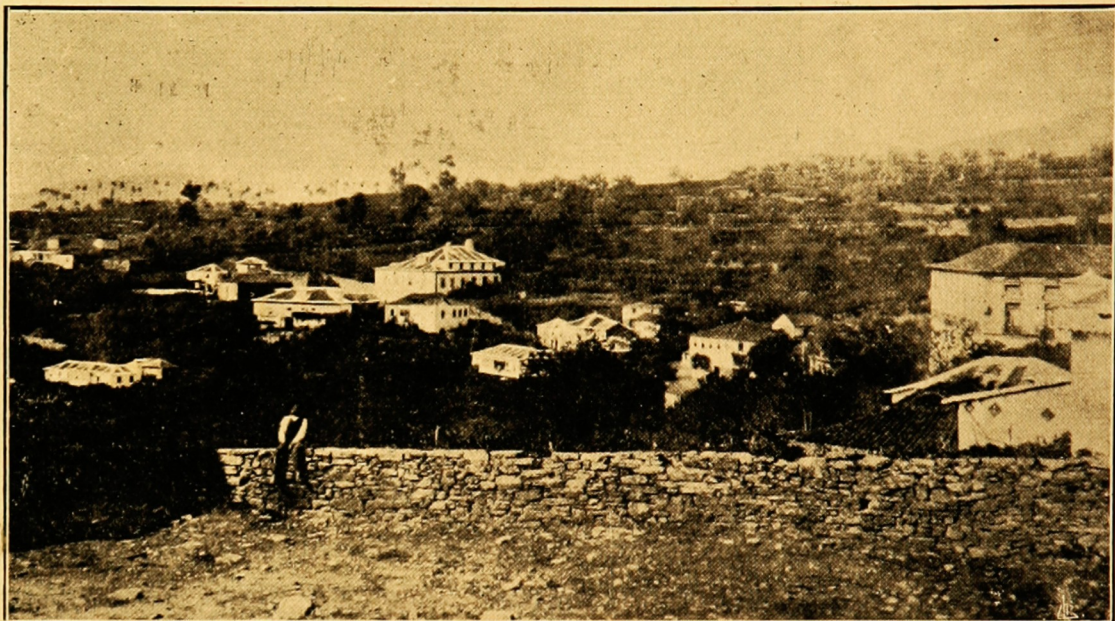
E a pequena recebe aquelle olhar e cada vez se convence mais: a pobre chamma semi-apagada que bruxoleia no fundo d'aquellas pupilas afogadas

# VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



U M amigo meu, versado na phantasia dos reportorios, que são todos—quer vestidos pelos andrajos do Borda d'Agua ou pelos velludos hieraticos do Gotha —da mesma humana fallibilidade, o meu amigo afinal, homem culto e vivido, dizia-me ha tempos, espirituoso e solemne, como quem vae ajuizar dos



CIDADELHE—(Mesão Frio). Vista geral

em pranto, despertou de repente na alma de Miguelinha toda a recordação da partida de tres annos antes, quando o pae desapareceu n'uma manhã de abril...

Sim, é aquelle mesmo rosto, escalavrado pela dôr... a mesma attitude de abandono, de miseria, de desconforto infinito... Sim, são as mesmas lágrimas, nos mesmos olhos...

—Oh, papá —exclamou.

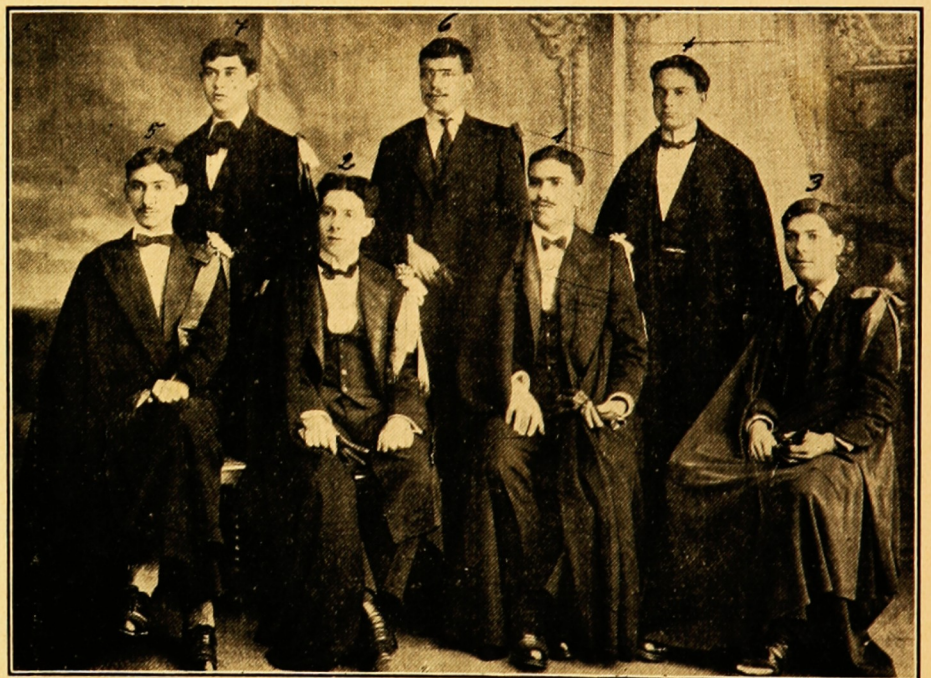
E num arranque de alegria e emoção, atirou-se impetuosamente aos braços do caminheiro attônito, exprimindo-lhe n'um grito toda a sua esperança:

—Oh, papá... E's tu...! A mãe está salva!

E a pequenina chora e ri... porque não duvida já: é elle, sim, é elle, é o pae!

As lagrimas que seus beijos limpam fizeram-lhe por fim reconhecer, no homem que passava, n'aquelle que chorava,—o pae.

JEAN NESMY.



BRAGA—Lyceu Sá de Miranda. Comissão Promotora dos festejos do Primeiro de Dezembro

1 Antonio da Silva Rosa, 2 Luiz Augusto de Novaes e Sousa  
3 Antonio Augusto David, 4 João Leitão d'Azevedo e Sousa,  
5 Fernando Augusto Moreira, 6 Joaquim Pacheco,  
7 Antonio Abel d'Oliveira Araujo Pinto.



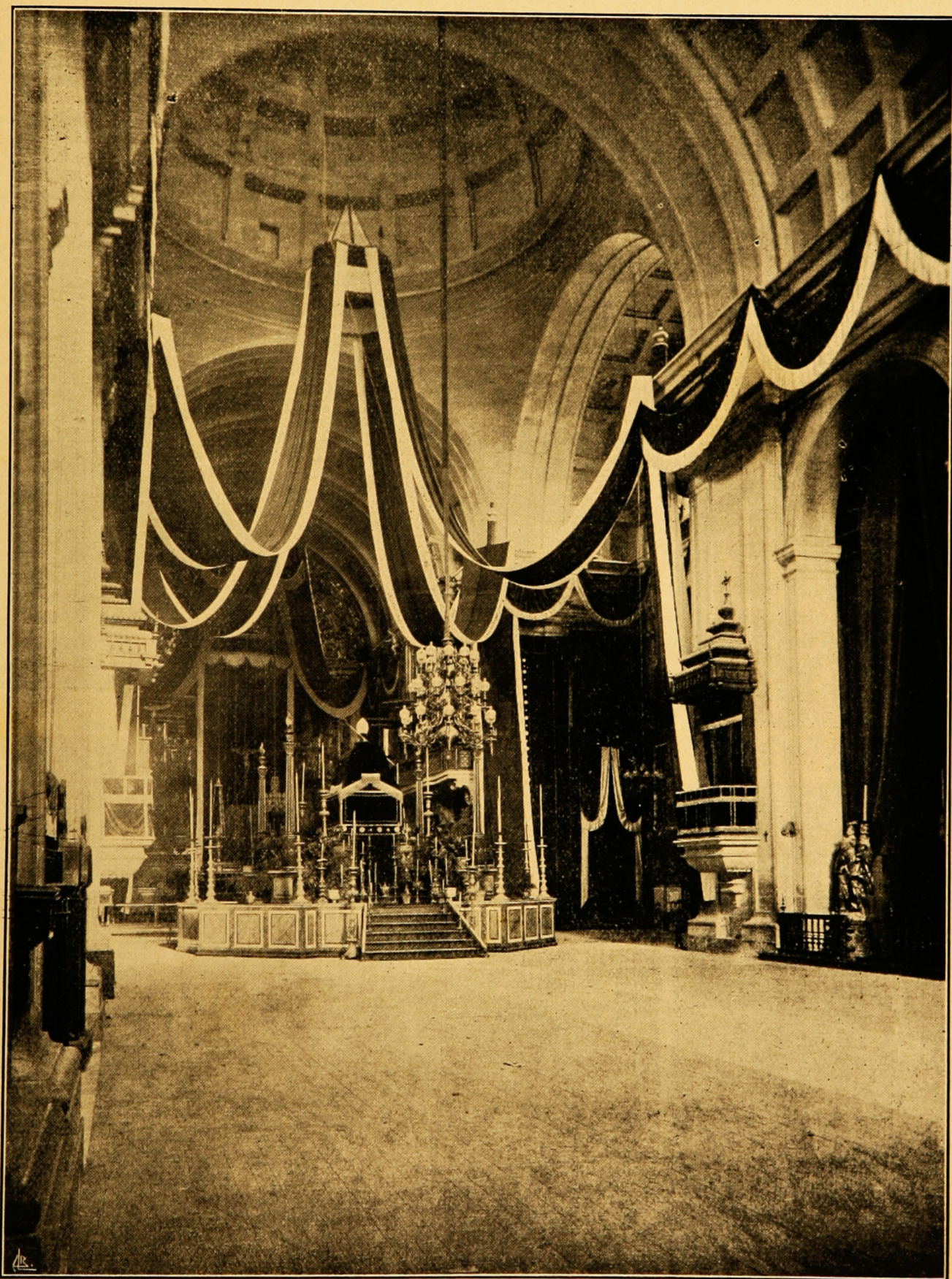


destinos d'algue, que os annos velhos ou novos, são todos eguaes, sempre novos para os velhos e sempre velhos para os novos, afinal.

Ora o meu amigo falhou e a sua sciencia de que tanto blasona, é tão incerta e transitoria, como o juizo das luas do meu velho seringador.

Os annos, são sempre novos; tenho pelo meu lado a chronologia e a tradicção. O meu amigo pôde indignar-se, atirar-me cá para baixo, com o seu

despreso olympico de propheta, que hei-de ficar na minha, sem hesitar n'uma lettra, sem arredar um commentario, a vêr cabellos brancos onde elle vê mocidade, a vêr decrepitude e fraqueza onde elle vê enthusiasmo ainda. Convenho, que mal despontam no horisonte do tempo, os juvenis 365 dias de nossos futuros tormentos, surjam tão cansados de açular o vosso interesse, de estimular a vossa curiosidade, na sequencia possivel de tudo quanto



COIMBRA—Aspecto da ornamentação da Sé por occasião das exequias do snr. Bispo Conde





nos entusiasmou e feriu, que tragam já o ar ca-  
chetico d'um velho, que vem apenas receber dos  
braços dos que partem, a herança pesada do fu-  
turo.

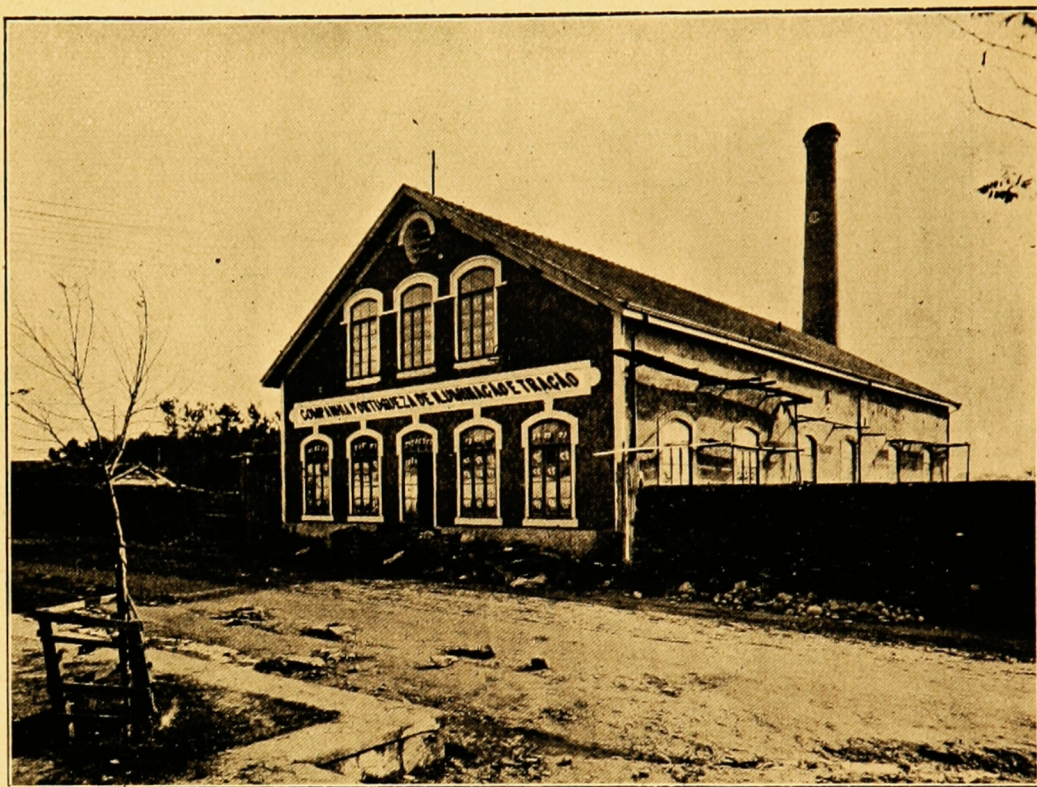
Assim, talvez, o novo anno não mostre na es-  
sencia dos factos, que vão desenrolar-se, novida-  
de alguma mas ha de traze-la fatalmente nas minu-  
cias, nas mil circumvações dos incidentes, que  
de novo, de positivo, de concreto, o bom 914 será  
apenas um anno a mais para alguns, um anno a  
menos para muitos. Mas o inicio d'um anno é sem-  
pre um *étape* d'esperança  
radiosa para aquelles mes-  
mo, a quem a vida corre  
facil e mansa, sem sur-  
presas possiveis, sem  
inesperados contratem-  
pos.

Que espera por exem-  
plo a França na sua me-  
lindrosa situação, de in-  
calculado, de novo? Ella  
bem sabe que os fados  
hão-de cumprir-se, que a  
guerra—o seu pesadello—  
é quasi um mytho ante  
os interesses europeus,  
que a sua emmaranhada  
existencia politica, ha-de  
soffrer um duro golpe.  
No emtanto, o bom Poin-  
caré, fiel á tradicção co-  
mo todo o pacato bur-  
guez, que vae subindo,  
no meio do seu *reveillon*  
protocollar (a republica  
tem d'estas leviandades)  
espera com anciedade,  
entusiasmo, um novo an-

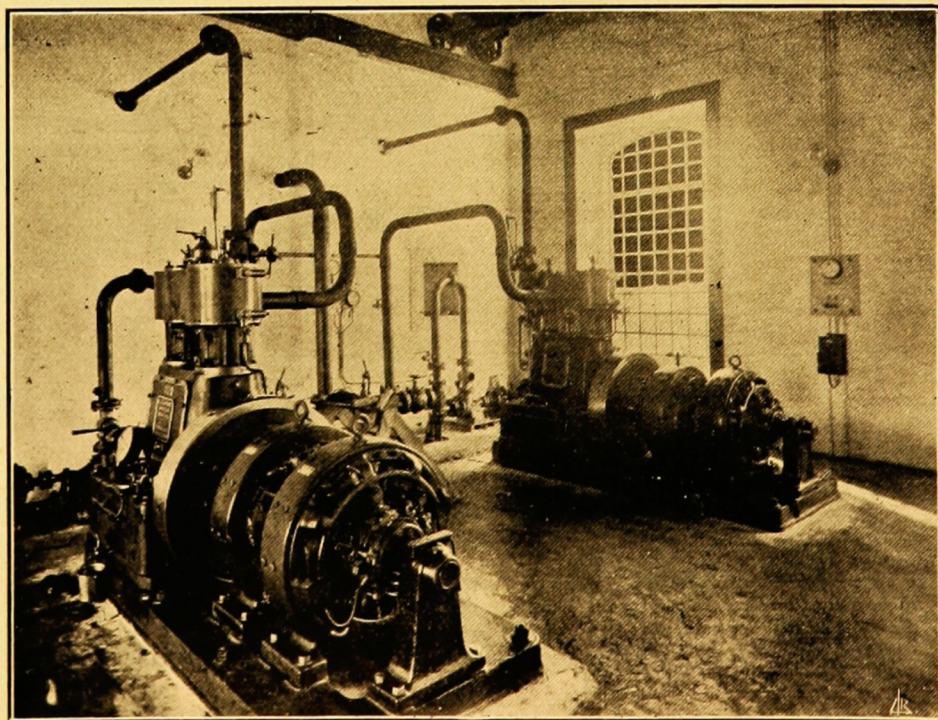
no facil e correntio, que seja propicio á realiza-  
ção dos seus desejos.

A Inglaterra, que não póde esperar mais das  
suas ferozes *suffragettes*, dos seus mineiros revol-  
tados, differentes na ideia, mas unificados no mes-  
mo fim destruidor,—expressão avassalladora de  
força, que se não domina com o augmento dos  
quadros navaes ou a eloquencia fria do snr. As-  
quith, esfrega, maliciosamente, as mãos, contente  
das mil tranquibernas diplomaticas que o fatidico  
913 lhe proporcionou e sorri com esperança, tam-

## Ovar--Um grande melhoramento



A casa da central geradora da illuminação electrica,  
ainda em construcção



Os 2 motores verticaes e 4 dynamos geradores da electricidade

bem, ao pequenote 914, ma-  
nhosamente confiada nas suas  
traquinices.

A Russia, a braços com a  
questão asiatica—problema gra-  
ve de raça—desespera, a ver  
fugir mais uma occasião de re-  
solver o assumpto, contenta-se  
com o platonismo dos gestos  
pacificadores e deixa a Austria,  
sempre velha e manhosa, mexer  
e remexer da sombra, o rescal-  
do dos Balkans.

A Allemanha, receia uma  
nova traquinice do Krönprinz  
e um novo cheque dos socia-  
listas, um augmento nos seus  
effectivos já collossaes e algu-  
mas dominaveis insurreições nos  
estados do norte, mas calma e  
serena, espera tambem que o  
novo anno lhe seja propicio.





A Hespanha lá está *salerosa*, alegre, supersticiosa como uma boa andaluza, a vê se Dato consegue singlar, se Marrocos lhe rouba mais mil soldados, lhe promove mais cem generaes e se o *bluff* politico dos reformistas, liquida afinal, em qualquer desmando oratorio do caudilho asturiano.

Todos esperam e desesperam, tocados da mesma esperança, ansiosamente voltados para o berço do pequerrucho, a quererem adivinhar-lhe as ideias, tactear-lhe as intenções, com o ar mexeriqueiro das visinhas soalheiras da nossa terra, a remechem roupas de creança, em dia solemne de baptisado.

O meu amigo, não tem razão. Um anno novo é sempre uma fimbria d'anciedade, uma paragem deliciosa de consolo. Todos nós, temos ainda a face pagã da superstição, apagada já pelo entendimento e pela fé, mas ainda a pesar no nosso espirito, semelhante ao modo como o instincto actua junto da nossa intelligencia. E esse resto d'agouro, que é sempre uma infericridade, faz alimentar esperanças e surpresas, ante o inesperado do futuro, remexe a nossa vida, agita-a e transtorna-a com futilidades que não comprehendemos, mas que não sabemos ou não queremos repellir.

E' por isso que ao findar o aziago 913, que o balanço do futuro ha-de serenamente archivar, como quadra movida de guerras, e de convulsões, de catastrophes, de incertezas, de luctas, a nossa alma palpita anciada d'esperança e alegremente sau-



**OVAR—Pessoal empregado nas installações particulares**

De pé: Joaquim Costa, Eduardo Santos, Aurelio Lourenço dos Santos e Illidio Pinto Ferreira. Sentados: Miguel Rodrigues Amor, Manuel Pereira Maia—chefe tecnico da central geradora—e José Pereira da Costa—fiel.

(Clichés do dist. phot. sr. Ricardo Ribeiro)

da o novo anno, que a nossa imaginação quer julgar pacifico e conciliador.

O velho, deixou-nos muita decepção, muita amargura, mas galante, não quiz partir sem nos ter deixado com o seu bilhete de despedida, uma nota alacre da sua originalidade.

Madame de Saint-Point, a propagandista do futurismo, essa louca geração de degenerados, dançou atrevidamente, ha dias, n'um dos palcos do *boulevard* os seus poemas rythmicos. Esta mulher que é poetisa e pintora revolucionaria, inventora d'uma moral propria e de phantasias doentias, lançou agora uma nova excentricidade.

E' uma dança, que segundo ella affirma—dá fôrma geometrica aos rythmos, synthese d'esthetica, onde a lascivia não entra—o que já é para louvar—e a que ella pittorescamente chama *metachoria*.

A imprensa assignala o successo, reclama o acontecimento, com o mesmo entusiasmo com que sempre recebe uma excentricidade, venha ella mascarada pela loucura artistica dos futuristas (hei-de um dia fallar-lhes d'estes senhores) ou pela perversidade d'um *apache*.

Um chronista em voga, chama-lhe dança ideista—eu sei—onde os movimentos são ora rapidos, ora compassados, rythmos plasticos, mansos como o estremecer das pennás, o arfar carinhoso dos velludos, linhas esculpturaes que se baloçam leves—amalgama artistica de sonho, visão, grandeza, onde se juntassem todos os sentimen-



**OVAR — Uma paisagem do rio**

(Clichê do phot. am. sr. José Anahory Letie)







### Conego Amaro Antonio da Gama

*Acompanhado de auctoridades civis e militares, assistiu em Lobito á inauguração e como delegado do senhor Bispo de Angola, abençoou solememente o inicio de trabalhos, para a construcção da via ferrea da Africa central que agora chegou a 530 kilometros, sendo aberta, em 20 de outubro ultimo, a exploração ao publico até Chinguari.*

*Despendeu quasi dez contos de réis e restaurou a igreja da cidade de Benguella, parochia do porto de Lobito e da estação principal d'esta linha ferrea.*

*Com 62 annos de idade e 28 de serviço no ultramar se acha aposentado este illustrado conego.*

C. P.

tos, todas as emoções, n'uma reunião bisarra de todas as artes. Chama-lhe tudo isto, chama-lhe até musica cerebral; eu chamar-lhe-hei excentricidade, loucura. O espirito cansado dos francezes recebeu-a como recebe todas as loucuras: com loucura tambem.

O que é certo é que o decrepito 913 deixou no seu ultimo arranco de vida uma nota galante d'excentricidade doentia. E se a bisarria não consola, este fim d'anno deu-nos outra impressão mais sã, mais agradável, mais compensadora para o espirito na edição luxuosa dos *Annales* onde vem intercallada n'um pequeno caderno-separata, mordido de flôres, as confidencias dos grandes homens de França.

Alli depõe tudo que ha de bom e de conhecido em Paris, — poetas, artistas, politicos, cantoras, actrizes e mundanas,

esse esturdio turbilhão que se diverte, pensa e vive, com os seus idolos e os seus escandalos, como se fosse a cadeia galante que ligasse o imbecil de Fouquières á nobresa authentica da senhora Duqueza de Rohan...

N'esse pequeno livro, que eu tenho agora ao lado, ha uma nota consoladora, de supremo conforto para as almas crentes, que no meio de todas as loucuras, de todas as excentricidades, nos penetra o espirito como um raio de sol, acariciador e manso. E' que alli está, evidente, palpavel, a prova flagrante do progresso crescente do espirito religioso na França, a França das revoluções e dos desmandos, das intransigencias demagogicas, que agora bate constricta no peito, a sua culpa e o seu arrependimento.

Com raras excepções, desde a grande Bartet, a *disease* adoravel da *Comedie* ao surprehendente Lemaitre, todos affirmam a sua fé religiosa, a sua crença christã, como refugio de suas amarguras, amparo das suas tristezas, força da sua força, chama viva do seu genio, que os acompanha, resigna e conforta.

A fé religiosa em França, augmenta consideravelmente e a ella se deve já a orientação moderada, a politica conservadora, que é hoje a aspiração da patria e pode ser, será a sua unica salvação.

As *confidencias* publicadas pelos *Annales* são por isso consoladoras e vem dizer—embora pese ao meu amigo—que os annos nem são tão maus como pensa, nem tão eguaes, como aferradamente affirma. Velhos ou novos elles interessam pelo que significam, pelo que representam, pela consolação que nos deixam, pela surpresa consoladora que nos trazem e como aquelle velho capuchinho da Arrabida, que fugido ao mundo e á paz da sua cella, foi soffrer mais, só, entre penhascos e fraguas, a vida christã do sacrificio, olhos postos no passado, a aprender a lição do futuro, nós tambem, n'esta hora incerta balanceamos as alegrias e as tristezas

## PORTO -- Exercicios desportivos



PORTO—1.º «team» do Boavista Foot-Ball Club





que partirão, a querer perscrutar a incognita do que ha-de vir.

Todos esperamos mais ou menos anciosos, mais ou menos preocupados; as familias ao derredor dos mundos, debruçadas para os problemas, unidas pelo mesmo receio, mordidas pela mesma desconfiança.

E Portugal? Espera? No meio da sua desgraça, das suas luctas, da sua incerteza, separado, perseguido, n'um fim d'anno tragico, com centenas de familias em luto, carceres atulhados, filhos homiziados, foragidos, Portugal, o meu querido Portugal, que eu tanto amo, espera tambem, quieto, resignado, triste:—espera, cobardemente, o fim.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

## Fastos do Catholicismo



### A Colombia christã

Convem recordar aqui o bello exemplo de fé catholica, dado pela floresentissima republica colombiana á Europa do respeito-humano, n'uma eloquente apothiose a Jesus Christo Redemptor.

O texto da lei votada pelo Senado, e por elle mandado gravar em placa de marmore á custa do Erario Publico é sublime, e traduzido em linguagem diz assim:

«Por occasião do primeiro Congresso Nacional Eucharistico que vae realizar-se; em solemne e perpetuo testemunho da fé e sentimentos catholicos do povo; e para impetrar os

favores do Alto para a paz definitiva e solido engrandecimento da republica, a nação colombiana, pelos seus representantes, presta homenagem de adoração e reconhecimento a Jesus Christo Redemptor no augusto mysterio da Eucharistia.»

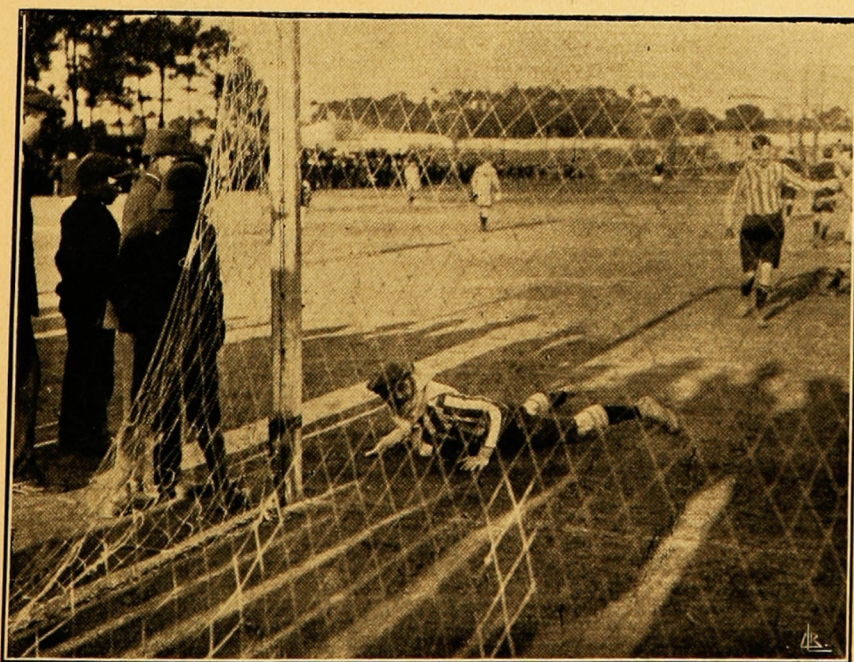
Julietta Adão

A conhecida escriptora franceza cujo nome, deveras notavel no mundo litterario, encima esta notula, acaba de chegar ao termo da sua conversão.

Como todas as intellectualizadas teve as suas jornadas, ou, como agora sóe dizer-se com menos-preso da lingua, *étapes*. De anti-christã que o foi acerrima passou a indifferente; mais tarde abalançou-se a dar manifestas provas de sympathia, ás quaes, disciplinado e illustrado o seu petente espirito, succedeu a a dhesão humilde, tornando a



PORTO—1.º «team» do Foot-Ball Club



PORTO—Um insucesso n'uma defeza

sua intelligencia escrava de Jesus Christo.

Juliette Adam

tem na sua obra de escriptora estudos philosophicos, sociaes, criticos e politicos: a sua conversão foi racionada. Abraçou a verdade, portanto, não conduzida por phantasiozo illusionismo de um sentimento, mas por um trabalho puramente intellectual. De posse agora da verdade, que procurou sinceramente, a graça divina fez o resto e assim hoje nos podemos rejubilar com a entrada da escriptora insigne no gremio do catholicismo.

Echos do centenario  
Constantiniano.

Foi já erigida em Roma, cerca da ponte Milvia, a basilica que com-





mora o centenario de Constantino e tem a invocação de Santa Cruz.

Na sua construcção gastaram-se dez mezes.

Semelha a igreja de S. Lourenço pelo estylo architectonico.

No dia da benção honve uma linda procissão

na qual tomaram parte os seminaristas de todas as nações que em Roma estudam. Os americanos conduziam uma cruz de bronze, de tres metros de altura que foi fixada no altar-mór durante a missa pontifical celebrada pelo cardeal Cassetta.

R. C.



PORTO—Um aspecto da assistencia



PORTO—Patinagem. Saltando em patins

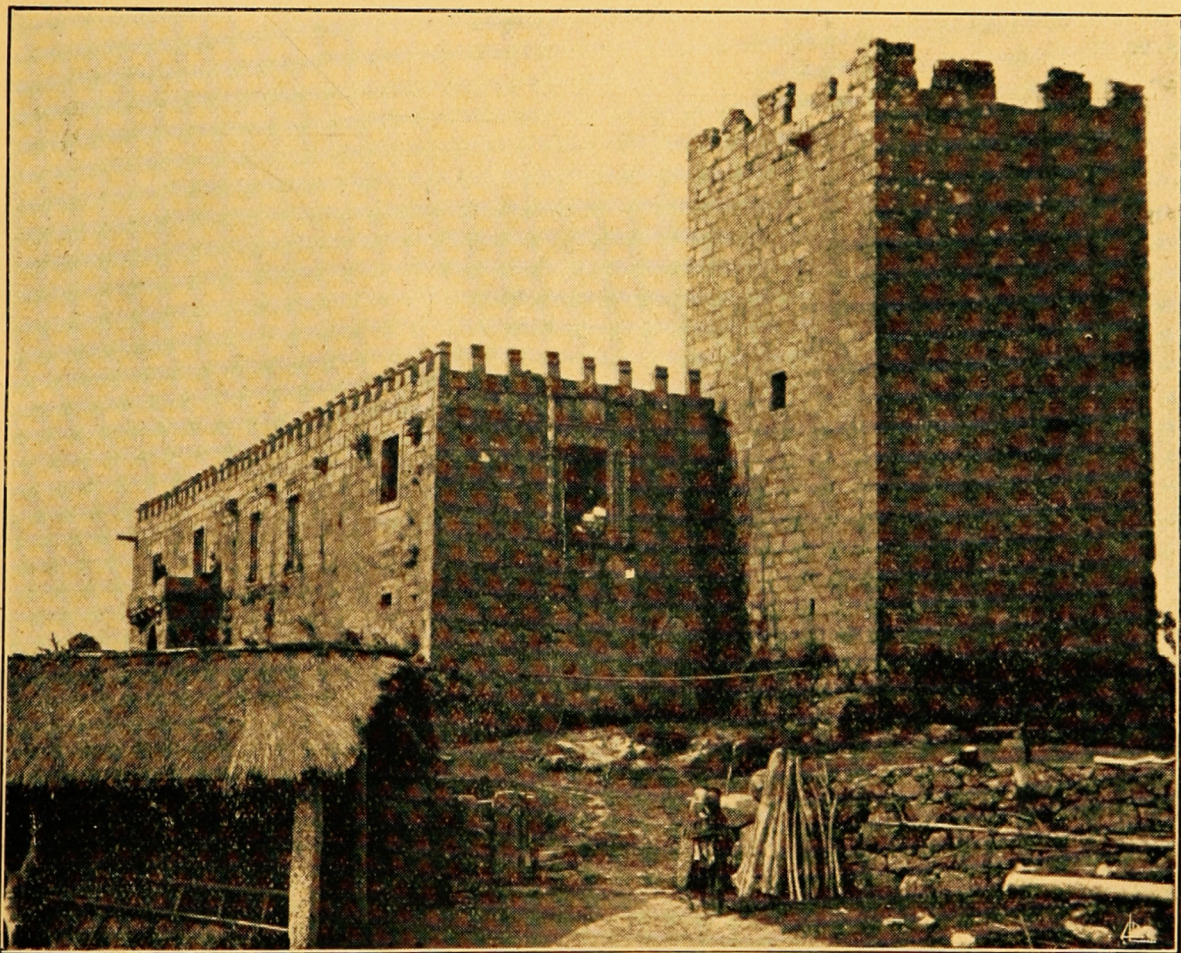






PORTO—Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)



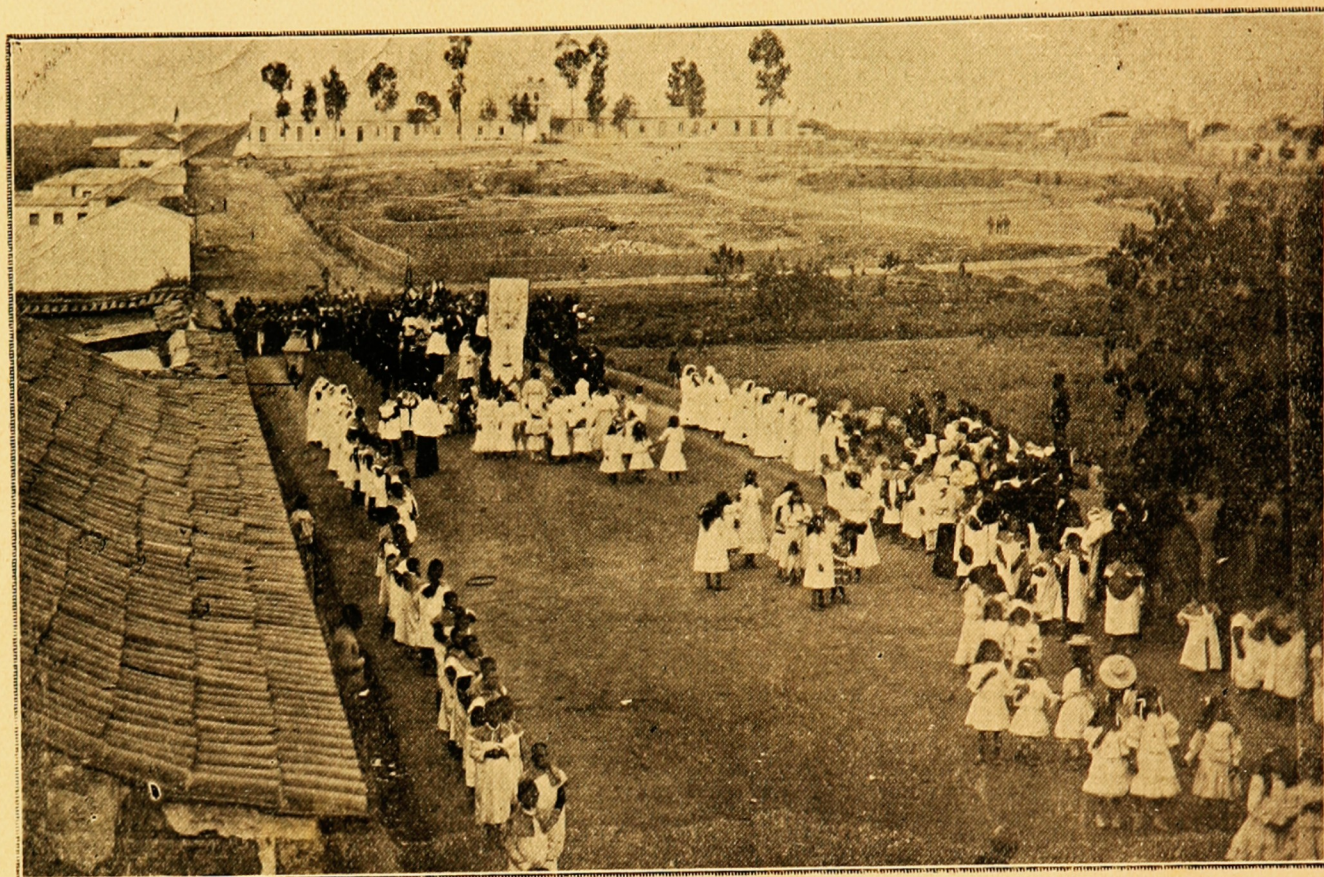
ARCOS DE VAL-DE-VEZ—Castello dos srs. Marquezes de Ponte do Lima

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

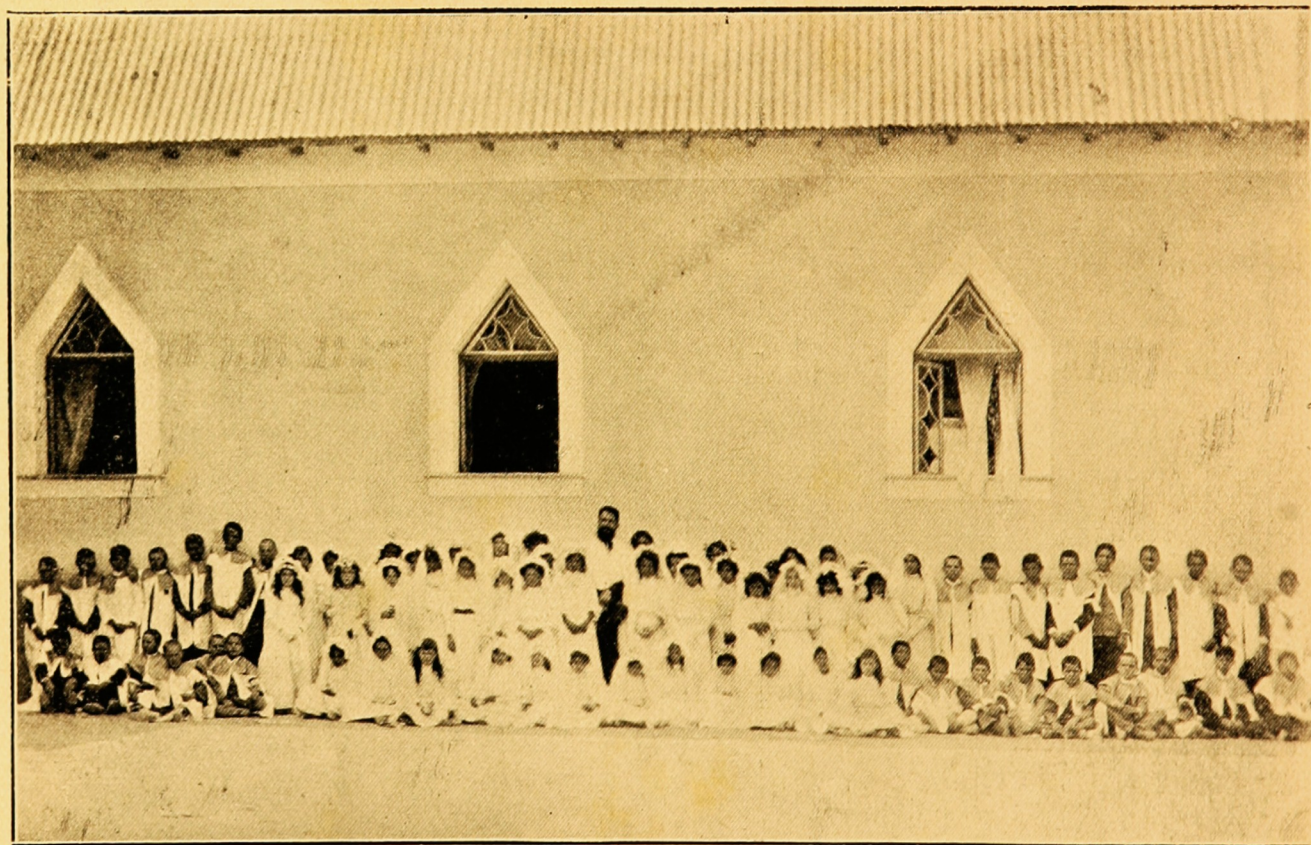




# Vida colonial -- ANGOLA. Lubango



Festa da primeira comunhão



Grupo de crianças que receberam a primeira comunhão com o seu parochio o missionario rev. Souza

(Cliché do phot. am. sr. Telles Grilo)

